

## **Estrutura e função do mito de Hércules na *Monarquia Lusitana* de Bernardo de Brito**

JOSÉ SÍLVIO MOREIRA FERNANDES\*

*Universidade da Madeira*

**Abstract:** Bernardo de Brito follows the mythographic tradition that distinguishes two Hercules in the ancient genealogy of the kings of Spain and Lusitania: the Lybic or Egyptian and the Greek or Theban. He interprets the myth from the standpoint of the social, political and religious processes involved in historic course, so as to magnify the Portuguese past by valuing the archetype of Lusitania in the historiographic record. As a historic and cultural representation of the invaders of the territory, the two versions of the myth tend to be *lusitanized* since the Lybic Hercules is portrayed as the benefactor and the responsible for the peopling and memory preservation, whereas the Theban is characterized as the argonautic warrior and the liberator.

**Keywords:** Hercules, *Monarquia Lusitana*; Bernardo de Brito; Lusitania; Alcobça historiography.

Na primeira parte da *Monarquia Lusitana*<sup>1</sup>, que trata das histórias da Lusitânia desde a criação do mundo até ao nascimento de Cristo<sup>2</sup>, o mito de Hércules é fundamentalmente construído a partir de uma ficção, concebida e estruturada com o objectivo de recuperar, legitimar e enobrecer o passado de Portugal, identificando-o com a história dos tempos antigos da Lusitânia<sup>3</sup>.

---

\* Artigo recebido em Novembro de 2006 e aprovado em Janeiro de 2007.

<sup>1</sup> *Monarchia Lusytana Composta por Frey Bernardo de Brito, Chronista geral & Religioso da ordem de s. Bernardo, professo no Real mosteiro de Alcobça. Parte Primeira...Impressa no Insigne mosteiro de Alcobça por mandado do R.<sup>mo</sup> Padre Geral Frey Francisco de S. clara com licença & priuilegio Real. Anno de 1597; Monarquia Lusitana, Parte Primeira*, introdução de A. da Silva Rego e notas de A. A. Banha de Andrade e M. dos Santos Alves (Lisboa 1973).

<sup>2</sup> Bernardo de Brito faz remontar a Túbal, “primeyro Pay & author da gente Portuguesa” (fl. 10v.), a ancestralidade da Lusitânia, uma vez que diz ter sido este neto de Noé o fundador de Setúbal. A historiografia peninsular é, neste aspecto, muito devedora da chamada tradição tubalista, para a qual contribuíram Flávio Josefo, S. Jerónimo, Isidoro de Sevilha, Rodrigo Ximénez de Rada, Afonso X, o Sábio, e João Ânio de Viterbo.

<sup>3</sup> *Lusitania* e *lusitanus*, para designar, respectivamente, “Portugal” e “português”, aparecem pela primeira vez no discurso de D. Garcia de Meneses

Para fundamentar o universo crítico em que labora, Bernardo de Brito parte do atributo transmitido pelos Antigos de que a história é a “alma da virtude<sup>4</sup>” e da concepção dos que reduzem a “comparação a cousa mais ordinaria” e “a chamarão, Theatro da vida humana.” Serve este tipo de associações para justificar um processo que se instaura como construção, como forma de repor, organizar e ilustrar a verdade histórica e de a manter viva na memória dos povos e civilizações, e, nesse sentido, *representar* realidades. Argumenta, para o efeito, com os *exempla* que o “Theatro da historia” pode providenciar a reis, príncipes, velhos e novos<sup>5</sup>.

Embora com as adaptações exigidas pela suposta factualidade do devir histórico lusitano, a pervivência do mito de Hércules, na forma como B. de Brito o estrutura e no modo como dele obtém funcionalidade, depende da sua vinculação a tradições mitográficas que o fazem devedor de fontes que distinguem dois tipos de Hércules: o Líbico ou Egípcio, filho de Osíris, e o Grego ou Tebano, filho de Zeus e Alcmena<sup>6</sup>.

---

(Roma, 31 de Agosto de 1481). Cf. Américo da Costa Ramalho, *Latim Renascentista em Portugal* (Coimbra 1985) 2-5, 14-15 e 18-19. Sobre os limites da Lusitânia, vd. *Monarquia Lusitana*, fls. 41-41v. e 105.

<sup>4</sup> “...dando nesta breue semelhança a entender, q̃ assi como a fabrica, & cõposição de hum corpo humano se não perpetúa, sem alma: assi as façanhas, & obras vallerosas, se entrêgão ao sepulchro do esquecimêto, faltando a historia, q̃ como alma sua as possa eternizar.” (Prólogo, fl. 3).

<sup>5</sup> “Porq̃ do modo, q̃ nos Theatros públicos, se representam successos de amores, & armas, & outras mil variedades, q̃ pera se effectuarê na verdade, forão tão difficultosas, como póstas naquella invenção, ficção alegres, & desenfadadiças: assi no Theatro da historia, se nos mostram em modo apraziuel, os casos, & successos arduos, q̃ os antigos acabarão cõ infinito perigo de suas vidas.” (fl. 3).

<sup>6</sup> Heródoto (*H.*, 2. 43 e 44) afirma ter visto, em Tiro, um templo em honra de Hércules, um antigo deus indígena. Os Gregos teriam, segundo ele, tomado o nome de Hércules a partir dos Egípcios. Diodoro Sículo (1. 24) retoma esta versão, convencido de que este Hércules era muito anterior ao grego. Cf. Marc-René Jung, *Hercule dans la Littérature française du XVIe siècle. De l’Hercule courtois à l’Hercule baroque* (Genève 1966) 41: “Une grande partie du succès qu’eut au XVI<sup>e</sup> siècle, s’explique par la fusion de ces deux Hercules: l’Hercule qui avait peuplé et civilisé la Gaule serait non pas le héros grec, mais cet ancien Hercule égyptien, ou, comme on disait à l’époque, l’Hercule de Libye. Cette ‘découverte’ est due à Annius de Viterbe qu’on pourrait appeler ‘le père de l’Hercule de Libye’. Grâce à lui, l’Hercule ancêtre de maisons princières ou de peuples entiers connut un renouveau inouï. A l’instar d’Alexandre le Grand, les princes européens, en Italie moins qu’en Espagne et en Allemagne, rivalisèrent de zèle pour établir des ascendances herculéennes.”

Na tradição greco-romana, a presença de Hércules na Península Ibérica estava associada à luta contra Gérion<sup>7</sup>. A própria sobrevivência mitográfica deste monstro tricéfalo ou tricórpore, comumente identificado com o ocidente hispânico, dependia quase exclusivamente do confronto com o herói tebano<sup>8</sup>, que a maioria dos registos mitográficos inscreve como o décimo dos seus famosos trabalhos<sup>9</sup>.

Bernardo de Brito, porém, não escolhe esta tradição quando trata dos reinados de Gérion e dos seus filhos Lomínios, uma vez que, como veremos, recorre a outras fontes para recompor o processo dinástico peninsular. De acordo com a fábula mitológica adoptada, Gérion luta contra Osíris, não ocorrendo, na realidade, um encontro entre Gérion e Hércules, segundo o modelo greco-romano. O confronto é remontado à tradição egípcia, conferindo-se algum relevo ao papel desempenhado por Osíris, pai de Hércules Egípcio, e por Gérion, pai dos Lomínios ou Geriões.

A organização do material mitográfico sobre as referidas versões do mito de Hércules vem inserta nos seguintes capítulos da primeira parte da *Monarquia Lusitana*<sup>10</sup>: IX - tomada do poder do Reino de Espanha pelo tirano Gérion e factos ocorridos na Lusitânia até à sua morte; X - reinado dos filhos de Gérion em Espanha e ataque de Hércules Líbico; XI - reinados de Híspalo e de Hispano; XII - reinado de Hércules

---

<sup>7</sup> Sobre Gérion, vd. Pierre Grimal, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana* (Lisboa 1992), s. v. “Gérion”. Para algumas interpretações sobre o mito de *Gérion* e respectivas representações e adaptações, vd. J. M. Blázquez Martínez, “Gerión y otros mitos griegos en Occidente”: *Gerion* 1 (1983) 21-38; G. Karl Galinsky, *The Herakles theme: the adaptations of the hero in literature from Homer to the twentieth century* (Oxford 1972), p. 20 (*Gerioneida* de Estesícoro de Hímera) e p. 34 (*Teogonia* de Hesíodo); e Marc-René Jung, *Hercule dans la Littérature française*: 16 e ss. (*Recueil des hystoires de Troyes* de Raoul Le Fèvre).

<sup>8</sup> Cf. Colette Jourdain-Annequin, *Héraclès aux portes du soir* (Paris 1989) 537 : “...rarement représenté seul, Géryon n’existe plus guère que par la lutte contre Héraclès, une lutte dans laquelle il doit être vainqueur.”

<sup>9</sup> Cf. *ibid.* 13, com remissão para tabela do *dodekathlos*, de acordo com Apolodoro de Atenas, Diodoro Sículo, Higino, *Tabula Albana*, Ausónio, Sérvio e Planudes, in O. Gruppe, s.v. “Herakles”, *RE*, Suppl. III. 1918, cols. 1021-1022.

<sup>10</sup> A estrutura da exposição segue a indicação capitular, entretanto entrecortada pela divisão em títulos que se desdynam a acontecimentos paralelos ocorridos no Mundo (cf. Prólogo, fl. 4v-5).

em Espanha e seu favorecimento aos Lusitanos; e XIX – lutas entre Licínio, capitão dos Lusitanos, e Palátuo, rei da Andaluzia, e chegada a Espanha de Hércules Grego, aliado de Palátuo.

A partir do desenvolvimento da informação contida nestes capítulos, é possível ordenar uma sequência narrativa, com início na invasão de Gérion, que interessa sobretudo pelo relevo atribuído à ascensão egípcia do mito de Hércules, apresentado como factor de estruturação e funcionalidade para a elaboração da narrativa sobre a Lusitânia antiga. Recolhe particular atenção a forma como Bernardo de Brito utiliza material contido em obras polémicas de autores como Laimundo Ortega<sup>11</sup> e João Ânio de Viterbo<sup>12</sup>.

A primeira alusão a Hércules é, todavia, anterior à referida ordenação e diz fundamentalmente respeito à questão que o autor julga dever esclarecer sobre o uso do seu nome para designar épocas

---

<sup>11</sup> Autor que terá escrito, em 878, a obra *De Antiquitatibus Lusitaniae*. O facto de Bernardo de Brito afirmar que a descobriu no Arquivo do Real Convento de Alcobaça provocou desconfiança em todos os que viam neste repentino achado uma invenção do autor, que, mesmo assim, fez atestar a autenticidade da fonte com os testemunhos de Jerónimo do Souto, ouvidor da comarca e correcção dos coutos de Alcobaça, e de Francisco de Santa Clara, abade de Alcobaça. Cf. DIOGO BARBOSA MACHADO, *Biblioteca Lusitana*, tomo III, 2-3; e BERNARDO DE BRITO, *Monarquia Lusitana* (Lisboa 1973) 16-19 e fls. 5v.-6v. No Prólogo, Brito reporta o feliz achado do *De Antiquitatibus Lusitaniae* de Laimundo: "...descubri hũa nottauel antigoalha, entre outras, que minha diligencia, & trabalho, tirarão das mãos do esquecimento. Que foy hum liuro antiquissimo, escrito de letra Gothica, em pergaminho grosso, & mal pullido, composto por hum Portugues chamado Laymundo Ortega: o instituto do qual, he descobrir antiguidades da Lusytania, & trazer com muita chaneza, a verdade das cousas, que pode alcançar no no tẽpo em que viuia..." (fl. 4v.).

<sup>12</sup> Autor dos *Commentaria super opera diuersorum de Antiquitatibus loquentium*, publicados em Roma, no ano de 1498. Na referida obra, comenta textos atribuídos a diversos autores, entre os quais os do sacerdote babilónio Beroso que teria vivido entre 340 e 270 a. C. Embora contestada, a obra de Ânio tornou-se importante para uma parte fundamental da historiografia peninsular sobre Hércules, em particular, a que atribuíra ao Pseudo-Beroso a reunião de informações dispersas e julgadas como perdidas. Cf. Marc-René Jung, *Hercule dans la Littérature française*: 47 e ss.

relacionadas com gerações de deuses e, no caso concreto, com os netos dos Saturnos a quem chamavam Hércules<sup>13</sup>.

Quanto à matéria que propomos analisar, Bernardo de Brito começa por contestar as versões apresentadas pelo bispo de Girona e por muitos outros autores<sup>14</sup>, segundo as quais o Hércules grego teria derrotado o tirano Gérion *Deabo*<sup>15</sup>. Argumenta, para o efeito, que tal confusão terá surgido do facto do nome de Hércules ser um nome “muito vulgar entre gente valerosa”<sup>16</sup>. Esta distinção marca, na realidade, a diferença entre dois tipos de colonização, com prevalência da norte-africana sobre a grega, tanto por razões de ordem histórica como pelo facto de haver uma clara preferência do autor pelas fontes que apontavam para um passado

---

<sup>13</sup> “...netos dos Saturnos lhe chamauão Hercules: donde naceo a confusã destes nomes: de maneira, que não ha dar na verdade delles entre os muitos que os authores nomeão, porque querendo atribuir por nomes proprios, o que he só dignidade, dão em mil absurdos clarissimos: pera aduertencia do qual quis explicar no principio da historia esta duuida, com que tirasse embaraços, que costumão nacer destes nomes: ficãdo manifesto, que assi como no tempo de agora chamamos Rey, Principe, & Infante, assi antigamente chamauão Satturno, Iuppiter, & Hercules.” (fl. 9).

<sup>14</sup> A exemplo do Bispo de Girona, Joan Margarit (1422-1484), autor do *Paralipomenon Hispaniae*, onde Hércules recebe os qualificativos de *sceleratissimorum sceleratissimus* e de *omnium sui nomine deterrimus* (2. 2. 11), que faz parte de uma corrente de interpretação mitográfica que tende a considerar positivamente a resistência de Gérion ao ataque do Hércules Grego. Nesse sentido também labora Rodrigo Ximénez de Rada, arcebispo de Toledo, na sua *Historia de Rebus Hispanie*, escrita por volta de 1243. Cf. Robert B. Tate, “Joan Margarit i Pau, Bishop of Gerona”: *Speculum* 27, nº 1 (Jan. 1952) 28-42; e Aires A. Nascimento, “O mito de Hércules: Etimologia e recuperação do tempo antigo na historiografia medieval hispânica”: *Miscelânea em Honra da Doutora Maria Helena da Rocha Pereira*, = *Humanitas* 47 (1995) 671-684.

<sup>15</sup> “E das grandes riquezas que descobrio, & teue em seu poder, alcançou o sobrenome de Chryseo, segundo apponta Diodoro Syculo, & Beroso o chama Deabo, que em lingoa Lybica, significa homem douro, ou muito rico,...” (fl. 21v.).

<sup>16</sup> “Deste tyrãno cõta Florião em sua historia, ã teue nome hũa torre, donde costumaua fazer saltos na terra de Andaluzia, & a cidade de Girona em Catalunha, tomando esta antiguidade da historia do Bispo de Girona, que affirma ser pouaçã fundada por este tyrano, no tempo que reynou em Espanha: mas enganase em cuidar, que a morte & victoria de Gerião foy executada por Hercules o Grego, como outros muitos authores cuidarão, confundindosse com o nome, que antigamente foy muito vulgar entre gente valerosa, & se daua por dignidade, como ja tocamos a cima.” (fls. 21- 21v).

ancestral hispânico remontável ao tempo pós-diluviano, a Noé e aos seus descendentes.

Relativamente a Gérion, Bernardo de Brito caracteriza-o como invasor e tirano usurpador<sup>17</sup>, que se apoderara do território hispânico, a partir da ilha Eriteia, logo após a morte do rei Beto<sup>18</sup>. Gérion não colheu simpatia unânime dos povos ibéricos, à excepção dos Lusitanos, que se deixaram facilmente aliciar não só pela hipocrisia e fingimento do tirano, como também pelas práticas de novos e desusados rituais e por propostas de repartição de gado e demais riquezas. Este tipo de submissão, assente em relações de tipo comercial e religioso, terá sido tão marcante e decisivo para a consolidação do poder que os outros povos hispânicos não ousaram oferecer resistência, devido ao facto de os Lusitanos gozarem do estatuto de “homens mais, antigos & pollíticos”.

Na realidade, o relato de Bernardo de Brito põe em evidência três características estruturantes para o suporte do poder numa conjuntura específica como esta: comércio, religião e política. As duas primeiras dizem respeito a factores de sobrevivência material e espiritual, sendo, por isso, atributos do invasor. A segunda remete para a capacidade de gestão política da situação criada, proporcionando a organização funcional da sociedade, de modo a garantir coesão e a sustentar compromissos,

---

<sup>17</sup> “Tanto q̃ Gerião teue noticia da morte del Rey Beto, vendo entre as mãos a conjunção desejada tantos têpos antes, a soube aproueitar cõ tanta delligência, que em muy poucos dias adquirio pera seu Senhorio o Reyno, da mór parte de Espanha. Porq̃ como diz Laymũdo, em suas antiguidades Lusytanas, passando da Ilha Eritreya, cõ seus cõpanheiros & gados, em Portugal,...” (fl. 21).

<sup>18</sup> Segundo a ordem cronológica e dinástica seguida por Bernardo de Brito, Gérion usurpou o trono de Espanha, no ano 2168 da criação do Mundo (512 do Dilúvio e 1794 a. C.), em tempo posterior à morte de Beto (cf. fl. 21). No remate do capítulo IX, onde expõe os factos sucedidos durante a tirania de Gérion, o autor recorre novamente à cronologia não só para tornar precisa a época do reinado e morte de Gérion, mas também para realçar aquilo que ele considera ter sido o fim da idade dourada hispânica: “Reynou Gerião em Espanha, depois da morte de Beto vltimo Rey dos naturaes, & descendêtes de Tubal, trinta & quatro annos, & sua morte succedeo, aos quinhentos & quarenta & cinco do dilluio, no qual tempo se acabou a idade dourada nestas partes, & começaram os homens a cometer insultos, & latrocínios, seguindo o exemplo do Rey que os gouernara: que hum Senhor desalmado basta pera contaminar hum Reyno todo.” (fls. 22-22v.).

entendidos como necessários para a sobrevivência do grupo, tanto no confronto com a força invasora, como no estabelecimento da relação de poderes com os povos vizinhos<sup>19</sup>. Cria-se, deste modo, um padrão que pode explicar as complexas relações entre colonizador e colonizado.

Inclui-se, nesse contexto, a função de Osíris, quando responde ao pedido de auxílio dos Andaluzes. Motivava-os a intolerância política à tirania de Gérion e a fama de que o herói egípcio “desagruava os oprimidos, & dava morte a tyrannos”. Ao assumir-se como opositor bélico do tirano, cumpre a função soteriológica de restauração da ordem política<sup>20</sup>. A decisão de socorrer os requisitantes andaluzes leva Osíris a iniciar o processo de substituição do poder, substituição que se faz por combate, depois de Gérion se ter refugiado na Lusitânia com os três Lomínios<sup>21</sup>.

É intenção de Bernardo de Brito focalizar nos Lusitanos os acontecimentos importantes desta fase da história da Península Ibérica, dando,

---

<sup>19</sup> “...soube grangear também as vontades dos naturaes da terra, repartindo com elles do gado, & riquezas q̃ tinha, que sem resistencia lhe cōsintirão, chamarse Rey de Espanha, & metersse no gouerno & regimento das cousas delle. Alladio no liuro de sacrificijs, diz, q̃ a inuencão com q̃ entrou a vsurpar a liberdade da terra, foy cõ ficção & hypocresia, fingindo, nouas cerimoniaes de sacrificios desusadas, & nũca vistas dos nossos, cõ q̃ o tinhão por cousa mais q̃ humana, & lhe consintião fazer quanto queria. Os mais pouos, q̃ auia por dentro da terra, vëdoõ fauorecido, dos q̃ morauão em Lusytania, como sempre os tiuerão por homens mais, antigos & polliticos, não se atrenêdo a resistir, lhe dissimularão por então cõ a tyrãnia (...) tendo as costas quentes (como diz Laymundo) com a gête da Lusytania, a quem pera este fim trattaua, sempre muito bem, & a tinha muy propicia: considerando como prudente, que nella acharia remedio, quando a mais de Espanha se conjurasse em seu dano.” (fl. 21-21v.).

<sup>20</sup> “...porque a gente que moraua em Andaluzia, tendo nouas do que Osyris fazia pello mundo, como desagruava os oprimidos, & daua morte a tyrannos, o chamarão em Espanha, pera os liurar das mãos deste, que tanto dano lhe fazia. E como em animo Real, todo genero de bondade se facillite, Osyris mouido de sua natural brandura, se compadeceo das miserias, que padecia a gente Espanhola, & passou com seu campo contra Gerião, que embebido em suas tyrannias, andaua muy mettido pello interior de Espanha.” (fl. 21v.).

<sup>21</sup> “Mas tanto que teue noticia do que passaua, & como em seu dano vinha tão copioso exercito, recolhendosse pouco a pouco, pera Lusytania: Mandou os tres filhos seus, nacidos todos de um ventre, como sente Frey Afonso Venero, que juntassem a mais gente possiuel, & a pusessem em ordem de batalha, pera resistir ao imigo,...” (fl. 21v.).

por isso, valor às batalhas ocorridas junto do Guadiana, numa clara tentativa de associar o rio lusitano a um momento decisivo do passado do território que o historiador pretende fazer coincidir com Portugal.

A narração da guerra serve claramente tal propósito. O poder de Osíris e aliados fica, por momentos, suspenso da sorte do combate onde a conjugação da força de Gérion e seus filhos com a dos Lusitanos quase fez perecer o adversário. O facto de caracterizar a gente lusitana como “estremada em forças”, tanto mais que “té então sabia pouco de guerra”, demonstra a intenção de enobrecer uma atitude de resistência guerreira que se adjunta às já referidas qualidades políticas. O episódio bélico ajuda, deste modo, a perceber as fases históricas de evolução e desenvolvimento da consciência pátria. Embora não tenham vencido Osíris, os Lusitanos puderam demonstrar capacidade de reacção ao inimigo e, acima de tudo, respeito pela aliança estabelecida com o seu protector. A questão moral da legitimação do poder não se coloca neste caso. O que se observa é a adaptação aos factores sócio-culturais e políticos da época, onde interagem interesses num território sujeito a pressões de vária ordem. A opção pelo partido aparentemente mais forte resolve a incapacidade auctótone de sobreviver àqueles constrangimentos.

O preço desta aliança, embora elevado, visto que Gérion acabou por morrer e os Lomínios foram obrigados a fugir com os seus apoiantes<sup>22</sup>, foi compensado pela atitude complacente de Osíris, que decidiu não perseguir os vencidos, por considerar que tinha terminado a sua

---

<sup>22</sup> “...reforçando seu campo, com muita gente natural da terra, que por tomar vingança do tyranno se ajuntauão com Osyris. Chegarão os campos a encontrarse junto do Rio Goadiana, segũdo sente o Bispo de Girona, & com elle nosso Laymundo, & romperão as batalhas, com tanta pertinacia de hũa parte, & doutra, que Osyris se vio em ponto, de perder naquella jornada, a gloria que nas mays adquirira, porque a vallentia de Gerião, & de seus tres filhos, era muyta, & a gente de Lusytania, ynda que té então sabia pouco de guerra, era tão estremada em forças, que sustentarão a batalha em peso, té que nella morreo Gerião, & com sua falta, a ouue tão grande no animo da gente, que perdendo o campo, se puserão em fugida.” (fls. 21v.-22).



missão. Na ilha Eriteia, este convoca os filhos de Gérion, a quem entrega “liberalissimamente o Reyno de Espanha”<sup>23</sup>.

Esta transferência de poder, que, na prática, corresponde a uma recuperação, a um reestabelecimento, em novos moldes, do poder de Gérion, simboliza, na ordem evolutiva do sistema político em contexto de pós-guerra, a intenção de salvaguardar certo tipo de idiossincrasias dos povos. Osiris, usando das prerrogativas que o definiam como herói cultural e civilizador, entende a sua decisão como função de reorganização geopolítica e, desse modo, como garantia de equilíbrio de poderes. Para o alcançar teria que dar combate a Gérion. Foi isso que fez. Depois retirou-se e readmitiu os Lomínios na ordem do poder, esperando obter novo equilíbrio a partir da aliança estabelecida, que imponha aos Lusitanos, como forma de compensação, a aceitação de costumes egípcios. Uma compensação que, como conclui Bernardo de Brito, simboliza a capitulação aos interesses dos vencedores, pois “se Osyris fez algum bem aos homens, em lhe libertar os corpos, bem lho vendeo á conta do cattieiro das almas”<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> “Não quis Osyris seguirlhe muyto o alcance, por não mostrar, que vindo a libertar a terra, maltrataua os moradores della, tendo já concluydo com a morte do tyranno, o fim principal de seu intento. Antes vsou tão brandamente de victoria que podendo facilmente auer ás mãos os filhos de Gerião, chamados Lominios, & fazerlhe outro tanto, como ao pay, os mandou chamar á Ilha Eritreya, pera onde fugirão depoy da batalha, & lhe deu liberalissimamente o Reyno de Espanha, amoestandoos primeiro de tudo (como diz Nicolao Coelho, Gariuay, & o docto padre Frey João de Pineda) que gouernassem a gente de seu Reyno com justiça, & brandura, porque não lhe acontecesse, colherem de suas tyrannicas obras, o fruyto, que seu pay alcançara.” (fl. 22).

<sup>24</sup> “Foy tão estimado de nossos Lusytanos, o fauor de Osyris lhe deyxar por successores aquelles, que ja tinham por perdidos, que o pagarão com dom tão custoso, como foy metter as almas na mão do demonio, aceytando entre si o culto, & adoração de cousas criadas, que este Osyris lhe ensinou, & tomando delle, o modo de contar os annos, de quatro em quatro Meses, como costumauão os Egypcios (segundo appõta Alexander ab Alexandro, & outros authores) donde ficou este modo em Espanha referido por Xenofonte, té que os Romanos forão senhores della, & tornarão o modo do tempo á ordem, que agora temos. De modo, que se Osyris fez algum bem aos homens, em lhe libertar os corpos, bem lho vendeo á conta do cattieiro das almas.” (fl. 22).

O complexo processo de consolidação dos regimes e de autonomia dos povos revela a ingenuidade de certo tipo de detedores extemporâneos do poder. No caso concreto, os Geriões<sup>25</sup> não se eximiram a repetir processos e a submeter novamente a Hispânia a regime idêntico ao do seu pai, só que com a pertinaz política de perseguir os reinos que tinham apoiado Osiris (Andaluzia, Aragão e Valença) e, em contraponto, a favorecer os Lusitanos, seus tradicionais aliados<sup>26</sup>.

Na segunda fase da prevalência dinástica de Gérion, identificamos características idênticas à primeira. A repetição de processos é enriquecida com elementos de natureza agrária e militar, como a pródiga criação de gado e o incremento guerreiro dos Lusitanos. Existe como que uma aplicação do princípio compensatório de reforço do poder com base estrutural nos factores económicos e bélicos. Aquela que tinha sido a principal virtude dos Lusitanos na batalha entre Osiris e Gérion é aqui reforçada como forma de garantia de sustentabilidade do poder. Os heróis guerreiros formam guerreiros para sobreviver e garantem recursos económicos para fazer sobreviver os povos que os apoiam.

Mas os Lomínios não se interessaram apenas por esses factores de consolidação do poder. Foram mais ousados e, em consequência da experiência passada, determinaram enveredar por uma solução preven-

---

<sup>25</sup> Bernardo de Brito aproveita para fazer, neste passo, alusão à fábula poética de Gérion tricórpore, a partir da informação de que os trigéminos tinham começado a governar o reino de Espanha com tanta conformidade e amor entre si. Cf. fl. 23v.

<sup>26</sup> “E não fora piquena parte em sua gloria, o amor & conformidade fraternal, que entre si tinham, senão vsaraõ mal della, pera effeito de tornarem a gente de Espanha ao antigo cattiuueiro, & cruel sojeição que tiuera em tempo de seu Pay Gerion Deabo: soltando tanto mais as redeas á crueldade & tyrannia, quanto menos sentião, quem lhe pudesse tomar conta do tyrannico modo de proceder que em tudo tinham. E lembrados de como a gente de Andaluzia, & das mais partes q̃ ficão contra o Reyno de Aragão, & Valença, forão a causa principal, de vir Osyris a Espanha, & priuar a seu Pay da vida, mudarão o assento do Reyno pera aquellas partes, com tenção de as opprimirem mais a seu gosto, & vsarem com ellas todo o genero de tyrannia. Em Lusytania trazião grande abundancia de gados, pastando com elles todos os campos, q̃ caem entre o Rio Guadiana, & o Cabo de S. Vicente, como quer nosso Laymundo: tendo a gēte Portuguesa tão mimosa & fauorecida, como aquella, que em tempo de seus trabalhos, lhe fora tão firme companheira, & como tal trazião sempre exercitada em armas, grande copia de mancebos Lusytanos, porque auuendo quem se leuantasse contra seu Imperio, tiuessem nelles seguro presidio.” (fls. 23v.-24).

tiva, que acautelasse a hipótese de novamente ver o seu território invadido por Osíris, se este tomasse conhecimento da alteração negativa do sistema político<sup>27</sup>. Juntamente com outros tiranos, urdiram uma conspiração para matar Osíris, num plano que acabou por ser bem sucedido<sup>28</sup>.

A morte de Osíris estabelece a ligação entre o passado hispânico associado a Géron, com a correspondente vinculação ao norte de África e a Horo Líbico, o Hércules de origem egípcia. Hércules<sup>29</sup> inicia então um périplo para matar os conjurados Tífon<sup>30</sup>, Anteu<sup>31</sup> e os Lomínios, com a

---

<sup>27</sup> “Mas como a consciencia dos maos nunca viuia ysenta de sobresaltos, nem a destes tyrannos estaua muy quieta, lembrandolhe, que queria Osyris dar volta em Espanha, se tiuesse noticia do que se passaua, & darlhe a elles, como desconhecidos ao bem que receberão, hum castigo qual seus insultos pidião.” (fl.24).

<sup>28</sup> “Foy esta consulta tratada primeiro de tudo, cõ Lestringon Rey de Italia, neto de Osyris (...) que allem de aceitar o partido dos Lomínios de Espanha, sollicitou por seus embaixadores, a Busyris Rei de Phenicia, a Typhon o menor, que Reynaua em Phrygia, & ao gigante Anteo, Senhor de Lybia. Os quais de commum consentimento, fizerão liga (como diz Beroso) com Typhon o mayor, irmão de Osyris, que ele deixara em companhia de Isys sua molher no gouerno do Egypto, tratando que na primeira conjunção, que achasse o matasse, & pusesse debaixo de sua mão, o Reyno de Egypto, prometendolhe a todos os conjurados de auenturar por sua conseruação, as vidas & Reynos que possuião. (...) o falso irmão lhe tirou a vida...”. (fl. 24).

<sup>29</sup> “...conuindolhe também o nome por ser filho de Iuppiter, & neto de Saturno, chamado de Isys,...” (fl. 24v.). A justificação desta ascendência vem inserta mais adiante, no capítulo X, título VIII, quando se reproduz a inscrição do próprio Osíris no templo que foi mandado erguer em Nisa, cidade da Arábia, onde refere: “O Pay de que naci foy Saturno, o mais moderno entre os Deoses, sou el Rey Osyris, (...) sou filho mais velho de Saturno, de geração nobillissima e clara, o tronco & origem da qual foy Noe.” (fl. 27). Sobre a legitimidade deste Hércules, Bernardo de Brito explica: “Fez Menas adorar & ter por Deos no Egypto, a nosso Hercules Lybico, & o mostra tambem Diodoro, quando diz, que Oro foy o vltimo Deos que Reynou em Egypto: de modo, que esta pode ser a ordem, porque ouue no Egypto outro Rey differente, sendo o legitimo Senhor Hercules Oro Lybico,...” (fl. 27v.)

<sup>30</sup> “...foy contra o Tyranno, que ja neste tempo, tinha sua potencia junta, com determinação, de auer batalha, a qual se deu (como quer Diodoro Sycolo em seu liuro primeiro) em Arabia, junto de hum certo rio, que elle não nomea, onde Typhon ficou morto, & sua gente desbaratada.” (fl. 24v.).

<sup>31</sup> “Em Lybia teue Hercules hũa ferida batalha, com Anteo o segundo, filho doutro Anteo, que morrera tambem a suas mãos, em tempo de Osyris, como aponta curiosamente o Viterbense. O qual vendose desbaratado, & a ponto de perder a vida, se retirou com a mais gente q̄ pode, & se pos em fugida: mas Hercules o seguio, de modo que na vltima parte de Africa o , & teue com elle batalha, de pessoa a pessoa, em q̄ie o gigante ficou morto,...” (fl. 24v.).

consequente concessão do governo da Espanha a Híspalo<sup>32</sup>, após o que viaja para Itália onde mata Lestrígon, último dos conjurados, e reina durante algum tempo<sup>33</sup>.

Nesta sequência de acontecimentos, identificamos a repetição esquemática do processo de instauração de tirania, com os Geriões a merecerem o apoio dos Lusitanos e estes a sofrerem a oposição dos outros povos hispânicos. Existem, porém, alguns aspectos que diferenciam esta invasão da anterior: a) a aliança entre Hércules e os Andaluzes é, desta vez, conseguida depois de insistente pedido destes, que lembraram ao herói a sua ligação a Osíris e a participação na batalha do Guadiana<sup>34</sup>; b) o conflito é decidido por combate singular entre Hércules e os Lomínios; c) Hércules entrega o poder a Híspalo, contrariando a

---

<sup>32</sup> “Foy tanto o contentamento da gente Lusytana, em se ver com aquellas superstições, & novos ritus, de adorar os Idollos, & offerecerlhe sacrificios, que sem nenhũa resistencia aceitaraõ por Rey & Senhor de Espanha, a Híspalo filho de Hercules, homem esforçadissimo & de grande animo, que em companhia de muita gente Egypciana ficou Reynando em nossa Lusytania, & nas mais prouincias de Espanha, com vniverssal satisfação da gente toda, a quem os beneficios presentes do Pay, & os passados do auó, tinham as vontades muy vencidas.” (fl. 25v.).

<sup>33</sup> “Partiose Hercules pera Italia, a tomar vingãça dos Lestrígones, que entraraõ na conjuração do Pay, leuando consigo grande copia de gados fermosissimos, que os tres Geriões trazião em Lusytania: que nunca ha vencedor tão desinteressado, que engeite despojos do vencido” (fl. 25v.); “...seguindo a Beroso Chaldeo, auemos de ter que Hercules Lybico, não quis tornar ao Egypto, mas passando de Espanha a Italia, & matando a Lestrígon, se ficou Reynando nella alguns annos...” (fl. 26v.); “...passando de Espanha em Italia, teue cruel guerra com os Lestrígones, que durou perto de dez annos, no fim dos quais extinguindo esta pessima gente, ficou Rey & Senhor absoluto de toda a terra, em que Reynou pacificamente vinte annos” (fl. 27v.).

<sup>34</sup> “Porque os Andaluzes sabendo, que Hercules vinha com mão armada pera vingar a morte de Osyris seu Pay, & lembrandosse das injustiças & tyrannias, com que sempre forão tratados destes irmãos, se forão todos juntar com o exercito Egypciano, rogando com muitas lagrimas a Hercules, que não os deixasse mettidos em tão insuffriuel tyrannia, como té entaõ soffreraõ, por serem os annos antes, amigos de seu Pay Osyris, & seguirem sua bandeira, naquella famosa batalha, em que Gerião ficara morto. Acrecentando a estas outras palauras (que em gente necessitada o temor de seu dano lhe faz aprender breuemente Rhetorica) com as quais moueraõ a Hercules,...” (fls. 24v-25).

decisão anterior de Osíris em optar por uma solução de continuidade dinástica interna<sup>35</sup>.

Quanto ao resto, prevalece a superioridade do invasor, numa ordem em que também o inimigo descende de um invasor anterior, marcando o curso da história com conflitos, adaptações e compromissos, num mundo em permanente transformação, caracterizado pela sobreposição dos imperativos geopolíticos aos interesses políticos internos que se configuram no plano da sobrevivência étnica. A intervenção de Hércules Líbico reforma, neste âmbito, o processo decisório de Osíris, que o curso dos acontecimentos tinha demonstrado ser absolutamente ineficaz como modelo sucessório.

Quanto aos Lusitanos, embora tenham renovado o tipo de comportamento já adoptado no tempo de Gérion e dos Lomínios, particularmente na adesão aos cultos instituídos por Hércules, com vínculo religioso bem patente na actividade associada ao templo do Cabo de S. Vicente<sup>36</sup>,

---

<sup>35</sup> “...passou em Espanha, tão repentinamente, que os Lomínios não tiuerão noticia de sua vinda, antes de sentir o dano, que lhe naceo della.” (f. 24v); “...de maneira, que sem mais agoardar, se veo a nossa Lusytania: pera onde os Geriões se recolherão, como homens, que só na gête della tinhaõ o fim de suas esperanças, & passando o rio Goadiana, os achou com boa copia de gente, offerecidos á batalha, no lugar q̃ os antigos chamaão, Saltus Tercenorũ, como claramente o mostra o Bispo de Girona. Vendo Hercules a muita gente, que os tres Geriões tinham junta, & temendosse, que não resistissem os seus ao grande esforço dos Lusytanos, encobriendo este temor com specie de piedade, & confiado nas estremadas forças que em si conhecia: Mandou dizer aos Geriões, q̃ pois erõ tão valerosos Principes, como o mundo publicua, & auia nelles animo pera empresas de muita estima, não consentissem derramarse ante seus olhos tanto sangue, innocente dos agrauos particulares, por onde se armara a guerra. Mas que saindo hum & hum em singular batalha, justificassem com a vida a innocencia de sua culpa. Os Geriões, que cuidauão de si mais do que nelles auia, tendo por abattimento engeitar o desafio, aceitarãõ facilmente as condições de Oro Lybico, & vindo a singular batalha, os matou a todos tres, (como allem de Gariuay & Pineda, refere Florião do Campo, estribado em Beroso, & João Annio, a quem vay seguindo em tudo...” (fl. 25). Os três Geriões reinaram em Espanha durante quarenta e dois anos e morreram no ano 2244 da criação do Mundo (588 do Dilúvio ou 1718 a. C.). Cf. fl. 25v.

<sup>36</sup> “Do qual templo falla Strabo, & Artemiodoro, aos quais segue o Bispo de Girona, & outros authores, affirmando, que nelle instituirã grandes ritus & cerimoniaes, que permanecerão muitos annos em Lusytania, goardando sempre os que vinhão visitar este templo, hũa cerimonia, refferida por Strabo, no lugar ja citado: que tanto que o sol se queria pór, ninguem ficaua no templo, nẽ ousaua chegar onde elle

confirmaram a sua capacidade de adaptação face aos costumes impostos pelos vencedores, e, sobretudo, o respeito pelo compromisso que tinham assumido após Osíris ter libertado os Lomínios.

Hércules Líbico preenche por inteiro a consecução do modelo de herói cultural, cuja influência deixara garantida. Depois de ter passado por Itália, regressa à Península, após os reinados de Híspalo e de Hispano<sup>37</sup>. Trata-se de um regresso necessário para justificar a função civilizadora, completando um ciclo que termina com a sua morte, “gastado da grande velhice, & dos muitos annos que tinha”, tendo sido “muy chorada dos nossos Lusytanos, & nas pompas funerais, se mostrarão mais lastimados, que todos, que ao fim aquelles chorão mais a falta do bem, que mór parte gozarão delle.”<sup>38</sup> Neste segundo reinado<sup>39</sup>, Hércules sobressai fundamentalmente como povoador,<sup>40</sup> benfeitor, educador<sup>41</sup> e construtor de memória funerária e pessoal,<sup>42</sup> entretanto salvaguardada com a sucessão deixada a Héspero<sup>43</sup>.

---

estaua, antes se tornauão os q̃ tinhão acabado seus votos, & os que vinhão de nouo agoardauão nos lugares ao redor, té ao seguinte dia, em que lhe era licito visitar o templo, & offerecer sacrificio: & o Bispo de Girona ja allegado, diz, que durarão as ruinas deste templo, & os finais de sua grandeza, té o tempo de Claudio Ptolomeo." (fl. 25v.).

<sup>37</sup> Cf. fls. 26v. e 29.

<sup>38</sup> Fls. 31v.-32.

<sup>39</sup> No capítulo XII, Bernardo de Brito narra este segundo reinado, que teve início no ano 2293 da criação do Mundo (637 do Dilúvio ou 1669 a. C.) e durou dezanove anos (cf. fl. 31v.). Hércules “foy recebido com faustas aclamações da gête toda, que té então viuera com grande temor, de alguem se leuantar com a terra, & vsurpar o Senhorio deuido, a quem antigamente a libertara. Fazem desta segunda entrada de Hercules Lybico em Espanha, particularmente mençaõ, Beroso Chaldeo, Ioão de Viterbo, a quem segue Raphael Vولاتerrano, & Ioão Vaseo, dizendo: que trouxe consigo hum exercito prouido (como tinha costume) de muita & muy luzida gente de guerra,..." (fl. 31).

<sup>40</sup> “...Hercules veo pouando em varias partes de Espanha, estribado nas que Beroso conta, que saõ Lybisosona, Lybisoca, Lybunca, & Lybora, das quais quer Plinio, que Lybisoca se chamasse depois Foro Augustana, ou Foro Augusto, como trazem outros Plinios de melhor impressãõ.” (fl. 31).

<sup>41</sup> “Chegado Hercules a Lusytania fez, como appõta Laymundo, grandes faoures aos naturaes da terra, estimando muito, ver nelles hũ concerto, & modo pollitico, mais auentajado do que os outros pouos de Espanha: o qual lhe deuia de nacer da muita comunicação que auia em Portugal, por causa da gente que concorria ao templo, de que ja tratamos.” Reservou também todo o seu tempo de reinado em

Parece ser intenção de Bernardo de Brito, à parte a relativa observância das informações que segue e do cotejo das fontes seleccionadas, interpretar os eventos ocorridos e os processos sócio-políticos e religiosos, à luz do objectivo de enaltecer a Lusitânia como arquétipo nacional. Nesse sentido, promove um tipo de recuperação do passado para nele vislumbrar elementos passíveis de serem confrontados com a história recente do país. O Portugal (Lusitânia) de Brito, embora se caracterize como realidade política autónoma é, apesar de tudo, também uma realidade ibérica e mediterrânea, que não está imune às influências e constrangimentos dos contextos geopolíticos e culturais específicos de cada período histórico.

Não faz parte, no entanto, do ciclo que analisámos o trabalho de Hércules Tebano contra Gérion. O Hércules que derrotou os Geriões, aquele em quem Bernardo de Brito acredita por influência dos autores que segue, em particular Laimundo Ortega, Beroso e João Ânio de

---

“doutrinar os naturales da terra, nas artes & inuencões de viuer, de q̃ os sentia necessitados, & emnobrecendo todo possiuel o Reyno com cidade & fortalezas tão notauéis, que em nossos dias quando vemos algũa obra antiga, de cuja fundação não ha memoria, logo a canonizamos por cousa sua.” (fl. 31v.).

<sup>42</sup> Refira-se, a propósito, o templo por ele fundado no Cabo de S. Vicente (fl. 25v.), onde mandou erigir, segundo Laimundo, a sua sepultura: “Da sepultura contão os authores maravilhas, porque affirmão ser feita de hũa fabrica estranha naquelle tempo, onde se mandou enterrar Hercules, & foy reuerenciado por Deos, em quanto durou a gentillidade.” (fl. 31v.). Acrescenta Brito que Pompónio Mela e o Viterbense situam a referida sepultura no templo gaditano de Hércules. No cotejo entre as duas fontes, esclarece que Ânio de Viterbo omitiu o facto de Mela atribuir a fundação do templo aos Tírios, pelo que as ossadas de Hércules, ali encontradas, teriam sido trasladadas da primeira sepultura localizada no Cabo de S. Vicente, uma vez que o templo de Cádiz é de fundação muito posterior. Sobre as questões relativas ao templo fenício e à identificação de Hércules com Melqart, vd., nomeadamente, J. M. Blázquez Martínez, *Gerion* 1 (1983): 30; id., “El Herakleion gaditano y sus ingresos”: L. Hernández, L. Sagredo, J. M. Solana (eds.), *I Congreso Internacional de Historia Antigua. La Península Ibérica hace 2000 años. Valladolid 23-25 noviembre de 2000* (Valladolid 2001): 599-606; A. García y Bellido, “Hércules gaditanus”: *AEArq* 36 (1963) 72-74 e 113-114; J. Ramin, *Mythologie et Géographie* (Paris 1979) 107; Colette Jourdain-Annequin, *Héraclès aux portes du soir*: 137-169; e J. GAGÈ, “Hercule-Melqart, Alexandre et les Romains à Gadès”: *REA* 42 (1940) 425-438.

<sup>43</sup> “...capitão géral, hum homem muy priuado de Hercules, a que os authores chamão Hespero, que depois lhe succedeo (como diremos) no Imperio.” (fl. 31).

Viterbo, entre outros, é o de origem egípcia ou líbica. Trata-se, na realidade, como afirma, de um Hércules muito anterior ao grego, embora tenha inculcado algumas características deste<sup>44</sup>.

O Hércules, filho de Júpiter e Alcmena<sup>45</sup>, merece atenção no tratamento de matéria histórica posterior, especificamente no tempo de Licínio e Palátuo<sup>46</sup>. Refira-se, a propósito do uso das fontes, que Bernardo de Brito discorda de João Ânio de Viterbo, quanto à sequência cronológica dos eventos protagonizados por aqueles reis, afirmando que o Viterbense conta as histórias de ambos como “se hum fora sucessor do outro, & não competidor”<sup>47</sup>.

Em breve excursão, o autor enumera e resume alguns dos trabalhos do tebano<sup>48</sup>: Leão de Némea, Hidra de Lerna, Porco da Arcádia (Javali de

---

<sup>44</sup> Cf. fl. 24v.

<sup>45</sup> Repare-se na versão moralista de Frei Brito: “Neceo este capitão de Alemena, mulher de Amphitrión, ou pera fallar com menos duuida, naceo de secreto adulterio, que sua mãy cometteo andando o marido ausente, & pera emcubrir seu erro, fingio que Iuppiter em semelhança do marido a enganara, como subillissimamente o representa Plauto nos Amphitriões. Sayo este moço tão atreuido, que o valor de sua pessoa deu muita cor á mintira da mãy, porque allem de libertar a cidade Thebana do tributo, que costumaua pagar a Erginío, Rey dos Minias (em premio do qual lhe deu el Rey Creonte por molher a sua filha Megara) acabou aquelles doze trabalhos, que Virgilio canta, & Sabellico, com muitos outros historiadores contão diffusamente.” (fl. 53v.)

<sup>46</sup> Cap. XIX, fls. 54v.-56.

<sup>47</sup> Fls. 58-58v. Bernardo de Brito contesta também o mesmo erro cometido por Nicolau Coelho, argumentando, para o efeito, que se deve incluir os trinta e seis anos da tirania de Licínio ou Caco “dentro nos setenta de Palatuo, com quem andou em guerras, & dissensoes,...” (fl. 58v.).

<sup>48</sup> Cf. Livro I, cap. XVIII; e fl. 53v.: “Em Egypto Reynaraõ Ronses & Amenophis. Quasi neste tempo apontão os authores, as marauilhas de Hercules Thebano, tão affamado com glorias alheas, que não ha contar cousa, que tenha semelhança de verdade: pois como diz Alexandre ab Alexandro, ouue no mundo quarêta e tres Hercules, todos homens de muito nome, as façanhas dos quais roubaraõ os Gregos pera este Thebano, de quem fazem tanta menção as Historias, que não ha menino da escola, que não sayba sua patranha de Hercules, principalmente em nossa Espanha, onde não ha balluarte velho, que logo lhe não dem por author, este Heroa, tão festejado de poetas antigos, & modernos.” Bernardo de Brito já aludira anteriormente a um desses muitos Hércules: “No imperio de Alemanha, tinha o gouerno Hercules, que por differença dos mais, chamão Germanico, Heroa tão affamado entre os Alemães, por fortaleza de seu braço...” (fl. 35v.).



Erimanto), Centauros, Cerva Líbica (Corça de Cerineia), Ônfale e, finalmente, a expedição dos Argonautas, no decorrer da qual chega a Tróia onde liberta Hesíone, filha de Laomedonte, e prossegue viagem até chegar ao lago *Meotis*<sup>49</sup>.

No desenvolvimento da narração dos labores de Hércules Tebano na Península Ibérica, Bernardo de Brito integra a sua acção no contexto político das contendas entre o capitão lusitano Licínio, “homem inquietissimo, & naturalmente guerreiro”<sup>50</sup>, e o rei andaluz Palátuo, filho de Romo<sup>51</sup>, das quais saiu vencedor o lusitano, em combate ocorrido nos montes *Moncayo*,<sup>52</sup> passando depois a governar quase toda a Hispânia como seu rei legítimo. A propensão tirânica de Licínio<sup>53</sup> deu origem à desobediência dos “Portugueses, aggrauados pela morte dos seus”, facto que favoreceu a construção da estratégia contra-atacante de Palátuo, ademais reforçada pelo concurso de “tanta soldadesca de todas as partes” e, em particular, dos Lusitanos<sup>54</sup>.

---

<sup>49</sup> Fls. 53v.-54v.

<sup>50</sup> “O qual sendo companheiro de Lysias, filho de Bacho, & muito seu priuado, ficou depois de sua morte por capitão, & principal governador de Lusytania, mas não com titulo Real, como pondera Laymundo: & querendo ganhar a vontade a os Portugueses, & adquirir nome de guerreiro, juntou hum poderoso exercito de mancebos escolhidos, & valentes, armados o melhor, que té então se vira em Espanha, pois como diz Florião do Campo, este foy o primeiro, que em nossa Espanha insinou a fundir ferro, & fazer armas offensiuas á gente: donde ouue algũs, que o chamaraõ filho de Vulcano, q̃ a cega gentillidade adoraua por Deos das ferrarias, & cousas fundidas em fogo.” (fl. 55).

<sup>51</sup> Fls. 50v.-54v.

<sup>52</sup> “Chegaraõ a ter vista hum do outro, em hũs montes, a quem desta rota ficou nome monte Caco, por que Lycinio se chamaua tambem assi, & agora corrupto o vocabulo se chama Moncayo.” (fl. 55).

<sup>53</sup> Fls. 55-55v.

<sup>54</sup> “E desejando reforçar o exercito com algũa gente Portuguesa, caminhou a grandes jornadas pera Lusytania, a tempo, que Hercules Thebano com os outros Argonautas, lançados da tempestade apportaraõ em Espanha, não muito apartados do Rio Guadalquibir, com a vinda dos quais Palatuo se alegrou muito, tendoa por sinal de prospera fortuna: & indosse onde elles estauão repairando as embarcações, lhe offereceo tudo o que fosse necessario pera suas pessoas, & baixeis, pedindolhe o ajudassem a libertar o Reyno erdado de seus antepassados, da mão dum tyranno, que lho tinha vsurpado, & dandolhe sua fê, que se o alcançasse, acharião nelle hum amigo tão verdadeiro, como o tempo mostraria.” (fl. 55v.) A esta vitória seguem-se os rituais

Neste episódio, Hércules representa, por um lado, a força guerreira grega, que vem auxiliar Palátuo a recuperar o ceptro e o território, tornando-se, por extensão, símbolo soteriológico da Lusitânia e, por outro, inscreve na discursividade historiográfica a síntese lendária dos elementos mitológicos que o associam à expedição argonáutica e a Caco ou Licínio. Em última análise, este tipo de associação pretende justificar a perseguição que é movida a Caco, quando Hércules se faz acolher junto de Evandro, em Itália<sup>55</sup>. Depois da vitória sobre Caco, os naturais “leuantaraõ altares, & offerecerão sacrificios como a Deos”. Serve este episódio para integrar Hércules no processo de evolução histórica que conduziu à fundação de Roma<sup>56</sup>.

Após este elo entre a ancestralidade hispânico-lusitana e a romana, em que Hércules funciona como fio condutor, o autor segue-lhe o trajecto de saída da Itália. Na Sicília, assume função pacificadora dos povos da ilha. Em Tróia, tenta reaver os tesouros que havia confiado a Laomedonte. Sendo-lhe recusada a pretensão, ataca a cidade, mata Laomedonte, recupera os haveres, distribui os despojos e oferece Hesíone como prémio a Télamon, o primeiro a transpor as muralhas. De regresso à Grécia, casa com Dejanira, apaixonava-se por Íole e desperta os ciúmes da mulher, que urde a sua morte. Para prevenir a realização de tal intento, faz-se conduzir

---

festivos junto do rio Guadiana: “...tornando agora a fallar das grandes festas que Palatuo fez por esta victoria, ajudandolhe a cellebrar as inuenções dos Argonautas, que em companhia de Hercules renouaraõ, ao longo do rio Goadiana (como diz o Arcebispo dom Rodrigo) as luttas & exercicios, que se costumauão fazer nos jogos olimpicos, admirando com a nouidade destas cousas, a gente dEspanha pouco verssada nellas.” (fl. 56).

<sup>55</sup> “Nestes termos estauão as cousas em Italia, quando Hercules Thebano chegou a ella, riquo com os despejos, & dôes, que leuaua de nossa Espanha, & sobindo pello Rio Tybre, foy recebido del Rey Euandro como cousa diuina, dandolhe conta do grande aperto em que o tinha posto Caco ou Lycinio, que elle recebera em sua casa, vindo fugido dEspanha, & trattara com tanto amor, como se fora cousa muito sua: em premio do qual, roubaua & destruia suas terras, com outros de sua parcialidade, que viuião em hũa torre fortissima junto do monte Auentino, donde sayão a fazer estas caualgadas.” (fl. 57).

<sup>56</sup> “Algũs dizem, que ouue hum filho chamado Pallante, de hũa moça ferrosissima filha del rey Euandro, & de outra chamada Hyperboride, diz Trogo, que gerou a Latino, sogro de Eneas, a quem os authores fingem filho de Fauno: porque Hercules casou esta moça com elle indo ja prenhe.” (fls. 57-57v.).

ao alto de um monte para se imolar pelo fogo e, assim, se redimir “pagando com aquelle genero de morte as muitas, que no mundo dera.”<sup>57</sup> Bernardo de Brito remata a narração com a alusão ao facto de Hércules ter conseguido a libertação de Teseu<sup>58</sup>. A verdade dos acontecimentos é, como o autor salienta, atestada por uma profusão de fontes, das quais as mais conhecidas são Dionísio de Halicarnasso, Trogo Pompeio, Diodoro Sículo, Estrabão, Plínio, Isócrates, Plutarco, Lactâncio e Eusébio de Cesareia<sup>59</sup>.

À parte o núcleo fundamental sobre a presença de Hércules na Península e da sua relação com os Lusitanos, a ele ainda se alude em capítulos posteriores, como, por exemplo, nas referências ao episódio de Pirene<sup>60</sup>; à ligação de Cádiz às migrações fenícias<sup>61</sup>; ao altar erigido perto

---

<sup>57</sup> Fl.57v.

<sup>58</sup> Fl. 58.

<sup>59</sup> Fls.58-58v. Bernardo de Brito contesta também o mesmo erro cometido por Nicolau Coelho, argumentando, para o efeito, que se deve contar os trinta e seis anos da tirania de Licínio ou Caco “dentro nos setenta de Palatuo, com quem andou em guerras, & dissensões (...) como dá claramente a entender Florião do Campo, & o mostrão Vaseo, Venero, & Gariuay em suas historias, contando por immediato successor de Palatuo, & Eritheyo seu filho, ao qual escolherão por Rey & governador seu, os pousos do Reyno de Valença, no anno do dilluio mil & setenta & sete, que forão da criação do mundo dous mil & setecentos & trinta e nove, antes do nascimento de Christo.” (fl. 58v.).

<sup>60</sup> O relato mítico que associa Hércules a Pirene, tal como vem inscrito em Sílio Itálico, não é aqui desenvolvido. B. de Brito apenas regista o facto de alguns autores se referirem a ele, embora Plínio o considere uma invenção fabulosa: “...Pyrineos, que em Grego quer dizer inflammados, contra o parecer de Silo Italico, & doutros, que dizem se diriuou de certa dama chamada Pyrene, de que Hercules ouue hum filho chamado Galates, nomeado entre as rellações de Beroso, & Ammiano Marceleno, inda que Plinio condena estas cousas de Pyrene por fabulosas.” (fl. 80v.). Inácio de Moraes explora o mito no seu *Conimbricæ Encomium*, tomando como fonte Sílio Itálico. Cf. Aires Pereira do Couto, “O Poema Punica de Sílio Itálico, fonte do *Conimbricæ encomium* de Inácio de Moraes”: *Actas de Colóquio de Literatura Latina*, (Lisboa, 2000. Novembro. 29-30), *Euphrosyne* (2002) 231-244.

<sup>61</sup> Da matéria sobre Pirene transita para a chegada dos Fenícios ao sul da Península Ibérica e retoma o já mencionado assunto das ossadas Hércules Líbico, que encontraram no templo do Cabo de S. Vicente: “De tal modo souberão estes arrecadar sua mercaderia, & tanto enriquecerão a cidade de Phenicia, & Tyro sua vezinha, que dahí a poucos annos tomarão a Espanha, com mór frota que a primeira, & saindo pelo estreito de Gibraltar ao mar Oceano, tomarão terra do Reyno do Algarue não muy apartado do Rio Goadiana, segundo diz Florião do Campo, & leuantando alli hum

do rio Guadiana; ao templo em honra de Hércules Líbico, situado no Cabo de S. Vicente, onde foram encontradas as suas ossadas, posteriormente trasladadas para o templo fenício de Cádiz<sup>62</sup>; ao casamento de Dido com Siqueu, sacerdote de Hércules<sup>63</sup>; e à tradição que atribui ao herói tebano a fundação dos Jogos Olímpicos<sup>64</sup>.

Bernardo de Brito retoma o assunto de Hércules, num caso particular de conflito entre Fenícios e Lusitanos. A animadversão dos Lusitanos tinha sido causada pelas deploráveis condições de trabalho a que eram sujeitos nas minas de ouro e prata existentes na Andaluzia, onde a maior parte morria<sup>65</sup>.

---

altar ao Idollo de Hercules, por agouros o que farião, & sayolhe, que costeassem mais ao poente, té verem o vltimo fim das terras: pello que diz Laymundo, que leuando anchoras costearão mais té ao cabo de S. Vicente, onde o demonio, que desejava ter a gente de Espanha sojeita a suas leys, lhe descubrio nas ruinas do antigo templo, que alli florecera o sepulchro de Hercules Lybico, cuios ossos tomaraõ com summa reuerencia, & tornandosse a embarcar derão volta pera Caliz, onde seus agoueiros lhe prometião grandes fellicidades, & na verdade as tiuerão, porque entrando com sombra de relligião, & de fundar hum templo a Hercules, onde pusessem seus ossos...” (fls. 80v.-81).

<sup>62</sup> “...pello que diz Laymundo, que leuando anchoras costearão mais té o cabo de S. Vicente, onde o demonio, que desejava ter a gente de Espanha sojeita a suas leys, lhe descubrio nas ruinas do antigo templo, que alli florecera o sepulchro de Hercules Lybico, cuios ossos tomaraõ com summa reverencia, & tornandosse a embarcar derão volta pera Caliz, onde seus agoueiros lhe promettião grandes fellicidades, & na verdade as tiuerão, porque entrando com sombra de relligiaõ, & de fundar hum templo a Hercules, onde se pusessem seus ossos, de tal maneira gengearão as vontades do pouo, que em pouco tempo tinhaõ o melhor, & mais fortificado da Ilha, cercando com fortes muros hum pedaço grande da pouação, que os primeiros moradores tinhaõ fundada, & desta muralha, que em lingoa Phenicia se chamaua Gadir, sente Floriano, que teue nome a Ilha chamada em Latim Gadez, com pouca corrupção, & agora com muita Caliz. Aqui fundarão estes Phenicios aquelle nomeado templo de Caliz, que Pomponio Mella encarece, & louua sobre tudo, & nelle fallão Plinio, Strabo, & muitos outros,...” (fl. 81); e “...os Phenices leuarão de Portugal os ossos de Hercules Egepcio, pera a ilha de Caliz, setenta e cinco antes de Romulo nacer, como quer Veleyo, ou setenta, segundo apponta Seruio,...” (fl. 83v.).

<sup>63</sup> Fl. 84.

<sup>64</sup> Fl. 84v.: “A instituição & principio destes jogos diz Escaligero, Solino, & Apollodoro, que foy de Hercules, que em louuor de seu bisauo Pelope mandou cellebrar aquelles spectaculos.”

<sup>65</sup> Fl. 81.

Trata-se, efectivamente, de um conflito que emerge no quadro de contextos sócio-económicos, em cujo âmbito se insere uma das funções estruturantes da fundação e estabelecimento dos povos<sup>66</sup>. A instabilidade, provocada pelo desrespeito das normas tidas por convenientes, resultou na resistência e posterior atitude guerreira dos Lusitanos que atacaram Cádiz e o templo de Hércules. Apesar de, inicialmente, lhes inculcirem receio o valor sagrado da divindade, não se fizeram, todavia, rogados em derrubar o templo e saquear tudo o que nele havia<sup>67</sup>.

Este episódio, embora referenciado fora do núcleo narrativo sobre Hércules, é de extrema importância pelo facto de funcionar simbolicamente como fecho do ciclo da primeira colonização. Recorde-se que Hércules começa por ser opositor aos aliados dos Lusitanos e, nesse sentido, a consequente imposição dos padrões culturais a ele associados parece não ter sido inteiramente apagada da memória colectiva. Na situação bélica, o sagrado começa por inibir a ânsia destruidora, depressa superada pelo apelo às razões da guerra, ao passado andaluz do herói e, sobretudo, à componente idólatra.

Na justificação do tratamento de matéria tão difícil e confusa sobre as guerras contra os Fenícios, o autor tece várias considerações,

---

<sup>66</sup> Para estudo da interpretação estruturalista de Hércules como exemplo da ideologia da trifuncionalidade indoeuropeia, vd. Francesc J. Cuartero i Iborra, “Hèracles, fundador de sacrificis: l’eroi i les tres funcions”: *Faventia* 20/2 (1998) 15-25.

<sup>67</sup> “No templo de Hercules, como cousa muy cellebrada entre os Andaluzes, não oue algum que se atreuesse a pôr mão, temerosos do sacrilegio, senão forão os Lusytanos, a quem daua pouco cuidado a ira de seu idollo, em quanto achauão que roubar no templo, & por mais que os outros lho estranhauão encarecendo a fealdade do crime, diz Laymundo, que menos conta fazião delle, entrouxando os dões, & offertas, que em sinal de tropheos, estauão pendurados nas paredes do templo, a quem depois abrasarão, & destruirão, de modo, que não ficou delle mais memoria, que um monte de pedras & cinza. Foy de tanto escandalo esta destruição do templo, que os Andaluzes começarão a tratar com menos amor os Lusytanos, & enfadarasse com sua companhia tão notauelmente, que estiuerão em contingencia de romperem entre si a paz, & ao fim se apartarão hūs dos outros mal auindos, deixando então de prosseguir a prospera ventura, que leuauão na guerra.” (fl. 86).

no preâmbulo do capítulo XXVII<sup>68</sup>, a respeito do trabalho de compulsar fontes tão desconexas. Trata-se de uma reflexão útil, porque ajuda a entender o método historiográfico adoptado e o esforço em reescrever informação compilada. Bernardo de Brito intenta, deste modo, tornar coerentes as informações históricas de que dispõe com os tempos ancestrais marcados pela nebulosa imprecisão que constrói os relatos míticos. Mostra-se, além do mais, plenamente consciente da incomensurabilidade da tarefa, ou talvez da impossibilidade de conseguir alcançar acordo quanto a tão complexa matéria.

A tentativa de conformar o mito com a história, embora lhe tenha parecido natural, em função da aceitação canónica das fontes e da crença prévia sobre a validade da genealogia antiga remontada a Noé, poderá, em algum momento, não ter resistido à autocrítica. Constrangia-o, aqui e ali, a negligência do tempo, se bem que superada pelos que lhe recuperaram nacos de verdade ou de verosimilhança. A seiva da verdade, desgastada pelo tempo, deveria ser recomposta pelo labor historiográfico, à luz do objectivo de ordenar o mundo segundo uma escala de factos, de gentes, de heróis e, sobretudo, de valores e de crenças, que conferissem sentido étnico, ético e político a Portugal. Não se insenta, por isso, ao acerto de contas com a própria história, pelo menos na responsabilidade que toma para si quanto à selecção de fontes, à escolha de um *corpus* e à sua *interpretatio*, de forma a poder construir uma narrativa memorial de Portugal.

Os pressupostos teóricos e metodológicos, que iniciam o referido capítulo, rememoram a ideia de que a discursividade historiográfica tem uma marca pessoal, na permanente e incisiva intenção de, a partir da imensa variedade de versões sobre a ancestralidade lusitana, perscrutar a verdade histórica no processo de elaboração de uma narrativa coerente com a ordem do tempo, com a configuração dos espaços e com a acção das personagens. Nessa fé labora Frei Brito para se livrar do incómodo de

---

<sup>68</sup> “Das guerras & descontos, que a gente de Andaluzia teue com os Phenices, que viuiuão em Caliz, & como os Lusytanos forão em socorro dos Espanhois.” (fl. 85).

ser fautor de inverdades ou de falsidades penalizadoras do seu trabalho e, por maior razão, da memória do povo, a quem pretendia oferecer o préstimo historiográfico. As marcas de historicidade do mito ficam, assim, explicadas a partir de um método que se exime à crítica racionalista e à verdade documental isenta de fábula. O merecimento do autor supõe, fundamentalmente, o crédito que atribui às autoridades que seleccionou e que a tradição lhe indicou como fiáveis, ou, em última análise, à consideração de Deus<sup>69</sup>.

Ainda no âmbito das informações sobre Hércules no território lusitano, registe-se o facto de, no capítulo sobre Coimbra<sup>70</sup>, Bernardo de Brito atribuir a fundação da cidade a Cartagineses e não a Túrdulos ou a Hércules Líbico<sup>71</sup>. Seguindo uma das suas fontes predilectas, Laimundo Ortega, opta por dar crédito a uma difusa origem cartaginesa anterior à

---

<sup>69</sup> “Vão as histórias tão confusas nestes tempos, & os authores contão tão poucas verdades, que é necessario a quem escreue hir sempre rompendo por mil difficuldades acostandosse na fee de algũas authoridades, que não sey quanta merecem, agoardando pello tempo dos Romanos, como homem, que no meo de noite escura vay attinando a lume posto em grande distancia: á immittação do qual vou descobrindo com insuffriuel trabalho as cousas deste Reyno Lusytano, & não sey com quanta esperança de auer quem diga algum tempo, que me agardece, o que gastey nesta empresa. Mas postos os olhos em Deos, como lugar onde viue a paga mais certa: que no animo enuejoso, de quem por se achar incapaz de algum bem, trabalha por abbater o credito dos escriptores: prossiguirey o comoçado...” (fl. 85).

<sup>70</sup> Liv. II, cap. VIII.

<sup>71</sup> Fl. 130. Bernardo de Brito refere que Florião do Campo e “outros Historiadores graves” afirmam terem sido uns Túrdulos chamados *Colimbrios*, que deram o nome de *Colimbria* à cidade e que Pedro de Mariz atribui a sua fundação a Hércules Líbico (fls. 127v-130). Para Pedro de Mariz, vd. *Dialogos de varia historia em que summariamente se referem muytas cousas antigas de Hespanha c [sic] todas as mais notauees q[ue] em Portugal acontecerão em suas gloriosas conquistas antes e depois de ser levantado a Dignidade Real, e outras muytas de outros reynos dignas de memoria: com os retratos de todos os Reys de Portugal*, Coimbra, na Officina de Antonio de Mariz, 1594, 1594, fls. 12-12v, 13, 18, 19 e 21. Já o humanista Inácio de Moraes, no seu *Conimbricæ encomium* (1553), adapta a história mítica de Sílio Itálico sobre Hércules e Pirene, para inserir a fundação da cidade no âmbito do décimo trabalho de Hércules. Cf. Aires Pereira do Couto, *Actas de Colóquio de Literatura Latina*: 238 (trad. vv. 8-13): *Aquela (Coimbra), como é fama, fundou-a Hércules quando, há muito tempo, se dirigiu para as praias hispânicas. Na verdade, quando ia para os campos fecundos de Gérion, para arrebatat ao vencido os bois, magníficos despojos, dirigia-se como hóspede, para os montes Pirinéus, as altas terras do rei Bébrix.*

dominação romana. Em menção posterior, reporta Hércules como símbolo da aliança entre Cartagineses e Lusitanos<sup>72</sup>.

A memória do herói é ainda simbolizada noutro tipo de associações, umas retomando a ligação do ocidente peninsular e lusitano a Cartago, outras reforçando o pendor sagrado do templo de Cádiz. Na preparação de uma embaixada, com o intuito de ganhar a graça de Alexandre da Macedónia, é pensado o envio de homens das partes mais remotas do mundo, pois, segundo a opinião dos Antigos, a terra habitual tinha o seu fim na costa portuguesa e um dos maiores feitos de Hércules foi o de ter chegado a esta parte do mundo e de ter também erigido as colunas do estreito de Gibraltar<sup>73</sup>. No templo de Cádiz, Amílcar Barca rende devoção a Hércules<sup>74</sup>; Aníbal jura, junto da sua imagem, dar luta pertinaz aos Romanos<sup>75</sup>; o cônsul romano Fábio Emiliano prepara o confronto com as tropas de Viriato<sup>76</sup>; e Júlio César tem um sonho premonitório e contempla uma imagem de Alexandre Magno<sup>77</sup>.

Este tipo de simbologia, em que o sagrado emerge com a função de apelar a reminiscências do passado, centrado no templo de Cádiz, que, como vimos, está associado ao templo do Cabo de S. Vicente, estabelece o vínculo entre esse passado e vidas de figuras históricas conhecidas.

---

<sup>72</sup> “...se mataraõ muitas reses, diante de hũ idollo de Hercules, a quem sempre nossos Portugueses, & inda os de Carthago, forão muy affeiçoados, hũs, porque Reynara entre elles, & lhe ensinara modos de viuer, & sacrificar, outros, por trazerem sua origem de Tyro, & Sydonia, onde este Idollo era tido por auogado, & particular defensor da prouincia.” (fl. 136v.).

<sup>73</sup> Fl. 141.

<sup>74</sup> Fls. 147v. e 152.

<sup>75</sup> Fl. 153.

<sup>76</sup> Fl. 222.

<sup>77</sup> Fl. 317. Sobre este assunto, vd. J. Gagè, *REA* 42 (1940) 425 e ss., com remissões para Suetónio (*Caes.*, 7), Dion Cássio (37. 52. 3), Plutarco (*Caes.*, 11. 3), e Hübner, s. v. “Gades”, *RE*, VII, col. 437-461; e p. 426: “Si les derniers projets prêtés au conquérant avaient commencé de faire entrer ce ‘Finistère’ du monde antique dans le cycle des itinéraires et des légendes d’Alexandre, le travail assidu d’assimilation mythographique qui se fit aux siècles hellénistiques entre la geste épique du Macédonien et les gestes divines des héros itinérants — acheva de donner au Melqart gaditain tous les traits et tous l’héritage d’Héraklès: l’Héraklès des Hespérides et de Géryon, deux épisodes justement localisés, l’un dans l’Atlas, l’autre en Andalousie, de part et d’autre du Détroit qu’il avait percé et marqué de ses ‘stèles’”.



Neste sentido, o templo de Hércules transforma-se no nexo simbólico entre a Lusitânia<sup>78</sup> e o extremo oeste do Mediterrâneo, ponto fulcral de transformação e realização da história da Civilização Ocidental. É, por isso, o *axis mundi*<sup>79</sup>, para onde convergem figuras do passado mítico, registado no discurso histórico por necessidade de coerência e de sentido divino, e o passado de personalidades cuja historicidade é inquestionável.

A visão providencialista da história, bem patente em todo o tratamento da matéria relacionada com Hércules, afecta também o sentido da geografia do mito. Parece-nos pertinente identificar, tanto na versão egípcia como na tebana, a errância como uma das suas principais características. A deambulação do herói abrange uma vasta área, com itinerários relativamente marcados<sup>80</sup>, mas, na sua contingência ibérica, pelo menos na que vimos explorada por B. de Brito, tende a lusitanizar-se. As guerras mantidas junto ao Guadiana, as lutas contra Gérion, a submissão final dos Lusitanos ao processo cultural por ele imposto e a fundação do templo do Cabo de S. Vicente são exemplos mais do que suficientes para ilustrar a importância deste mito para a construção do passado mítico de Portugal.

Resta, contudo, equacionar a funcionalidade dos planos geográficos relativos ao que é propriamente lusitano e ao que é sobretudo

---

<sup>78</sup> A propósito da importância do templo de Hércules na Lusitânia, refira-se o facto de Hispano ter sido nele “aceitado por senhor”, “(segundo Laymundo), porque auendo só aquelle em Espanha, era forçado acudir a elle, todos os que tinham votos que cumprir, & algũa cousa grande que começar. E pois chegamos a contar, que no principio do Reyno vinhão este Reys antigos, ao templo de Hercules, quasi reconhecendo a seus idollos, a merce grande de os chegarem a tão alto estado, & pidindolhe fauor, pera com ditoso successo gouernarem seu pouo...” (fl. 29).

<sup>79</sup> Os santuários participam do simbolismo do Centro do Mundo. Cf. Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*, Lisboa, Livros do Brasil, 1999, p. 52.

<sup>80</sup> Cf. J. Gagè, *REA* 42 (1940) 426: “La ‘Vulgate héracléenne’ de l’époque hellénistique, telle que nous la fait connaître le long récit de Diodore, sorte de projection de la mythologie sur la carte alexandrine de l’Oikoumène, connaît, sur les deux rives de la Méditerranée, deux routes principales d’Héraklès: celle de la rive méridionale, courant de l’Égypte à l’Atlas, coïncide avec celle qu’Alexandre avait préparée; celle de la rive européenne, de Gadès à l’Italie et au delà, par les brèches ouvertes dans les Pyrénées e les Alpes — la route classique par laquelle est venu à Rome l’*Hercules Conditior* — est aussi, à sa manière, une route historique: celle qu’ont suivie, successivement, Hannibal et Pompée.”

hispanico. O mito, tal com aparece tratado na *Monarquia Lusitana*, intensifica a sua identificação com Portugal, num processo que resulta plenamente eficaz como reflexo do nacionalismo historicista que o constrói. A coincidência com Portugal poderá ser encontrada nos exemplos atrás referidos, embora a dispersão da actividade do herói na geografia ibérica faça salientar o intuito do autor enobrecer o passado lusitano, não o excluindo, todavia, do passado hispânico.

Esta característica, conjugada com a importância que é conferida à genealogia mitológica, revela-se sobretudo na expressão da extraordinária crença de que se podia fazer remontar o passado de Portugal a uma ancestralidade dinástica bíblico-pagã<sup>81</sup>. Nesse contexto, o Dilúvio e Noé são considerados, respectivamente, como o acontecimento e o homem que marcaram o início de uma nova era da humanidade. Um e outro simbolizavam a purificação e o renascimento da condição humana à luz do projecto de Deus.

Parte importante deste labor vinha sendo construído por todos quantos reconheciam credibilidade ao já mencionado João Ânio de Viterbo (Giovanni Nanni) e aos seus *Commentaria*, desde logo polémicos, por impender sobre o seu autor a acusação de os ter elaborado a partir de informações de autenticidade duvidosa<sup>82</sup>. No entanto, a fortuna da obra foi enorme, pois fazia as delícias de historiadores e genealogistas, naturalmente entusiasmados pelo filão de autores e textos que lhes era oferecido<sup>83</sup>. O chamado Pseudo-Beroso<sup>84</sup> resulta da fusão de diferentes

---

<sup>81</sup> Não podemos deixar de mencionar a importância do sincretismo entre a crítica evemerista e a apologética cristã para a construção de um quadro teórico e de procedimentos metodológicos que explicavam as fundações de dinastias e de povos. Cf. Jean Seznec, *La sopravvivenza degli antichi dei*, Torino, Bollati Boringhieri Editore, 1992, pp. 11-31; e G. Karl Galinsky, *The Herakles theme*: 130.

<sup>82</sup> Cf. Marc-René Jung, *Hercule dans la Littérature française*: 41-47; Christopher R. Ligota, “Annius of Viterbo and Historical Method”: *JWCI* 50 (1987) 44-56; e Pedro Córdoba, “Las Leyendas en la Historiografía Áurea”: *Criticón* 30 (1985) 248-249.

<sup>83</sup> Os autores vêm referenciados nos títulos dos livros que compõem a obra do Viterbense: *I – Contentorum in aliis voluminibus*; *II – Institutionum Anniarum de aequivocis*; *III – Vertumniana Propertii*; *IV – Xenophontis Aequivuoca*; *V – Fabius Pictoris, de aureo saeculo*; *VI – Myrsili Liber*; *VII – Catonis fragmentum*; *VII –*

tradições, com o objectivo de associar e relacionar os dados da cronologia bíblica com os das mitologias egípcia e grega. Se a tudo isto juntarmos os nexos estabelecidos com a ancestralidade de povos europeus e respectivos reis, não espanta que tenha fascinado todos quantos desejavam encontrar uma lógica dinástica de cunho étnico ou nacionalista.

Por meio da *translatio studii*, tão cara aos humanistas, foi possível, por exemplo, superar os quadros sincrónicos de Eusébio de Cesareia, única fonte que os historiadores podiam consultar para estabelecerem a cronologia primitiva da humanidade e, graças ao labor do Viterbense, fazer luz sobre esse passado, preencher lacunas e colocar à disposição de todos listas genealógicas completas desde Noé<sup>85</sup>. Teve, além do mais, o efeito espantoso de desvendar o passado de várias nações europeias, criando para Espanha uma dinastia primitiva de vinte e quatro reis<sup>86</sup>.

---

*Itinerarii Antonini fragmentum; IX – Sempronii de Italia; X – Archilochi de temporibus; XI – Metasthenis; XII – De Hispanis; XIII – De Chronographia Etrusca; XIV – Philonis; XV – Berosi; XVI – Manethonis; XVII – Anniarum XL quaestionum* (in ed. I. Badius, Paris, 1515, intitulada *Antiquitatum variarum volumina XVII*).

<sup>84</sup> Devido aos comentários insertos no livro XVI da obra do Viterbense. O próprio B. de Brito, no Prólogo à primeira parte da *Monarquia Lusitana*, faz alusão a tal tradição e à opinião de Laimundo: “...referindo entre as mais, os Reys antigos, que traz o Beroso vulgar, mas debaixo de nome, e de condição de cousa pouco certa, dizendo, q̃ os achou em hũs pergaminhos, sem nome de Author, q̃ vulgarmente andauão em maõs do gente curiosa, os quais cuidou eu q̃ o Viterbense baptizou cõ nome de Beroso, q̃ oje temos.” (fl. 5v).

<sup>85</sup> Marc-René Jung, *Hercule dans la Littérature française*: 43.

<sup>86</sup> Cf. João Ânio de Viterbo, *Commentaria*: Lib. XII. A sequência dos reis é a seguinte: Túbal, Ibero, Jubalda, Brigo, Tago, Beto, Gérion, Gérion Trigémio, Híspalo, Hispano, Hércules Líbio, Héspero, Atlante Ítalo, Sícoro, Sicano, Siceleo, Luso, Sículo, Testa, Romo, Palátuo, Caco, Eritro e Melicola. A crítica contra o Pseudo-Beroso de Ânio de Viterbo foi contestada pelo português Gaspar Barreiros que a fez publicar, em língua portuguesa, em 1561, as *Censuras de Gaspar Barreiros sobre quatro liuros intitulados em M. Portio Catam De Originibus, em Beroso Chaldaeo, em Manethon Aegyptio & em Q. Fabio Pictor Romano...*, Coimbra, Ioam Aluares, e em 1565, em latim a *Censura, in quendam auctorem, qui sub falsa inscriptione Berosi Chaldaei circumfertur: Gaspare Varrerio avctore*. Roma [Antonio Blado]. Cf. Marc-René Jung, *Hercule dans la Littérature française*: 45. A versão berosiana foi ainda objecto de polémica entre Diogo de Paiva de Andrade e Bernardino da Silva, a respeito da validade da utilização de matéria poética e de dinastias de reis entre o Dilúvio e os Godos, na *Monarquia Lusitana*. Contra tais efabulações manifestaram-se Paiva de Andrade e Duarte Nunes de Leão, enquanto Bernardino da Silva e Nicolau de Oliveira mostraram-se concordantes com aquela

A consequência directa desta interpretação foi a mudança de óptica civilizacional, com a inevitável perda da ancestralidade mítica greco-romana. Passada para a Mesopotâmia, para os Caldeus e para os Egípcios, a história da humanidade podia ser explicada como tendo transitado directamente, no caso da Península Ibérica, para os primeiros reis hispânicos, evitando a anterior vinculação aos Gregos e aos Romanos. Um tal expediente agradou sobremaneira aos Reis Católicos, a quem a obra de Viterbo foi dedicada<sup>87</sup>, e, certamente, aos Portugueses e à historiografia que perseguia idênticos propósitos<sup>88</sup>.

A adaptação a herói cultural, modelo de colonizador mítico, deriva naturalmente da dimensão que lhe foi aduzida por todo este conspecto interpretativo. Nesse âmbito, o vector predominante da interpretação civilizacional, fundado nas matrizes greco-romana, judaico-cristã e egípcia, inscreve no discurso historiográfico os factores bélicos, sócio-políticos e religiosos que se constituem como salvaguarda de uma forma de construir a história e de dar sequência lógica ao curso dos acontecimentos. O próprio discurso se instaura, além do mais, como modo de elocução do tempo que estabelece os nexos necessários e causais, em função dos agentes por ele criados ou que com ele interagem. A suposição ou crença na factualidade dos acontecimentos articula o discurso, no sentido de recuperar as marcas que conferem legitimidade ao tempo histórico.

Nesse contexto, a presença do mito legitima, em grande medida, a construção historiográfica, associando o passado a instâncias fabulosas, mais ou menos verosímeis, consoante a óptica bíblica ou pagã, ou à

---

linha dinástica. Cf. Diogo Ramada Curto, *O Discurso Político em Portugal, 1600-1650* (Lisboa 1988) 27. Sobre o processo de suspeita anti-Brito, vd. A. da Silva Rego, *Monarquia Lusitana* (Lisboa, 1973), “Introdução”: 25-29.

<sup>87</sup> Marc-René Jung, *Hercule dans la Littérature française*: 43.

<sup>88</sup> Refira-se, a propósito, a opinião expendida no início do terceiro livro do *De Antiquitatibus Lusitaniae* de André de Resende: *Não me será fácil dizer a quem terá estado sujeita a Lusitânia antes dos Cartagineses e dos Romanos (...) Tudo isto é excessivamente obscuro e na verdade as fábulas aborrecem. Eis porque deixo o catálogo dos reis, quer o que se tira do Pseudoberoso, quer o imaginado por Ánio de Viterbo ou pelos historiadores da Hispânia em épocas recuadas, para aqueles a quem muito agradam esses inventores da guerra.* André de Resende, *As Antiguidades da Lusitânia*, trad. de R. M. Rosado Fernandes (Lisboa 1996) 135.

credibilidade atribuível a fontes seguras e atestadas de personagens históricas não necessariamente vinculadas a passados mitológicos<sup>89</sup>.

Um outro factor de caracterização deste processo diz respeito ao sagrado. A estrutura mitológica do texto não podia excluir esta dimensão, na forma como se manifesta e se formaliza. A este nível, faz todo o sentido aplicar a feliz expressão de Mircea Eliade sobre a reactualização do mito, uma vez que, de certo modo, B. de Brito assume a posição do homem religioso, para quem a única história que interessa é a “*história sagrada* revelada pelos mitos”<sup>90</sup>.

Partindo do modelo base de que a história dos povos tem na sua origem ligações ao sagrado (no caso concreto, a ancestralidade lusitana remontada à criação do mundo), a sequência narrativa da *Monarquia Lusitana* incorpora descrições onde o sagrado surge como validação da heroicidade que funda e faz evoluir os processos culturais e civilizacionais. Basta lembrar, por exemplo, as referências ao culto e rituais que Osíris e Hércules Líbico instituíram na Lusitânia após a morte de Gérion e dos Lomínios<sup>91</sup>.

Em todo o caso, parece-nos importante realçar que fica a convicção de que Bernardo de Brito laborou na ideia de não só atribuir notoriedade ao passado de Portugal, pela ligação à antiga Lusitânia, como também de expressar o seu profundo apreço pela sua pátria, tendo adaptado as fábulas mitológicas e, particularmente, a de Hércules, como forma de representação de valores que julgava, por certo, existirem na sua época. Se bem que a obra tenha sido dedicada a Filipe II de Espanha,

---

<sup>89</sup> Cf. Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano*, 209: “Seja qual for o contexto histórico em que se encontra, o *homo religiosus* crê sempre que existe uma realidade absoluta, o *sagrado*, que transcende este mundo mas que se manifesta neste mundo, e, por este facto, o santifica e o torna real. Crê, além disso, que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana actualiza todas as suas potencialidades na medida em que é religiosa, quer dizer, participa da realidade. Os Deuses criaram o homem e o Mundo, os Heróis Civilizadores acabaram a Criação, e a história de todas estas obras divinas e semidivinas está conservada nos mitos. Reactualizando a história sagrada, imitando o comportamento divino — o homem instala-se e mantém-se junto dos Deuses, quer dizer no real e no significativo”.

<sup>90</sup> Ibid. 112.

<sup>91</sup> Cf. fls. 22; 25-25v.; 28v.-29v.; 31e 33.

nota-se uma evidente intenção de privilegiar, no contexto da União Ibérica, o legado histórico de Portugal e de contribuir, na esteira de André de Resende e das suas *Antiguidades Lusitanas*, para a criação de uma verdadeira consciência nacional<sup>92</sup>. A reescrita do mito de Hércules contém elementos autonomistas, visto que ele se encontra estruturado de forma a ser consistentemente associado ao sentido evolutivo da história que marca o fundamento e o progresso das nações<sup>93</sup>.

A imposição metodológica de cariz cronológico e uma certa obsessão em compulsar fontes e autoridades fiáveis fazem Bernardo de Brito enveredar por processos que colocam, no mesmo plano, informações históricas e fabulosas para poder justificar a identificação étnica e territorial de Portugal com a Lusitânia. Hércules seria, nesse contexto, mais um herói a juntar à sequência dinástica cujo início remonta ao período pós-diluviano e a Túbal. É, pois, evidente a submissão do autor a certos cânones historiográficos de época, que tendiam a fazer sincretismos prodigiosos a partir de visões pseudo-históricas, às quais não faltavam incursões filológicas, bem patentes nos excursos etimológicos sobre toponímia, antroponímia e mitonímia<sup>94</sup>. De certo modo, este tipo de labor efabulatório chega a superar a apelação para o imaginário, dado que não representável, não personificável, não exteriorizável e não alegorizável, como é o que se consegue, por exemplo, com o texto dramático e com a sua função dialógica.

---

<sup>92</sup> Cf. R. M. Rosado Fernandes (ed.), *As Antiguidades da Lusitânia*: 9 e 36-38.

<sup>93</sup> Cf. José Eduardo Franco, *O Mito de Portugal. A primeira História de Portugal e a sua Função Política* (Lisboa 2000)125-126: “De qualquer modo, é em Bernardo de Brito, paradigma por excelência da corrente historiográfica apologético-autonomista (emergente no quadro da chamada ‘literatura autonomista’ sob o governo dos Filipes), que é apresentada uma visão mítica acabada da história de Portugal. Em Oliveira, em Duarte Nunes de Leão ou em Pedro Mariz encontramos uma historiografia afirmada, polemicamente, em forma de confronto, refutação – e até, em certa medida, em jeito de vindicação – em relação às perspectivas historiográficas diversas das suas. Brito não perde tempo em apresentar ou em desconstruir as opiniões contrárias, mas desenvolve, de forma prolixa, as suas especulações nacionalizantes acerca da visão de Portugal antigo, começando por Adão. Ergue uma verdadeira história maravilhosa de Portugal.”

<sup>94</sup> Refira-se, a propósito, as etimologias de “Lusitânia” (fl. 52)” e de “Portugal” (fls. 67v.-68).

Não podemos, porém, deixar de referir a fruição experimentada com a leitura do registo linguístico da época, que o autor assume como código por eleição do discurso da história<sup>95</sup>.

Da complexa fusão de dados, informação e saberes que Bernardo de Brito tão laboriosamente realizou no tratamento do mito de Hércules, se não conseguimos reter a verdade histórica, no sentido em que é hoje aceitável, podemos, pelo menos, apreender um certo entendimento da função do mito, como instrumento de justificação do passado de Portugal, sempre capaz de ser recuperado e actualizado, ou como *exemplum* para a representação humana no teatro da história.

---

<sup>95</sup> Considera que o português é a língua europeia que melhor se afeiçoa ao registo histórico: "...não ha lingoa em Europa (tomada nos termos q̃ oje vemos) mais digna de se estimar pera historia, q̃ a Portuguesa. Pois ella entre as mais, he a q̃ em menos palauras, descobre móres conceitos, & a q̃ cõ menos rodeos, & mais grades termos, dá no p̃to da verdade. E se como ella de si he graue, & natural, pera narração verdadeira, a engrandecerão seus naturais cõ impressões, & liuros compostos nella, fora oje tanto, & mais famosa q̃ a Castelhana, & Italiana." (Prólogo, fl. 4).

\* \* \* \* \*

**Resumo:** Bernardo de Brito segue a tradição mitográfica que distingue dois Hércules na genealogia antiga dos reis de Espanha e da Lusitânia: Líbico ou Egípcio, e Grego ou Tebano. Interpreta o mito à luz dos processos sócio-políticos e religiosos que marcaram o processo histórico, com o objectivo de notabilizar o passado de Portugal, por meio da valorização, no registo historiográfico, do arquétipo da Lusitânia. Enquanto representação histórico-cultural dos invasores do território, as duas versões do mito tendem a lusitanizar-se, a partir da atribuição ao Hércules Líbico das funções de povoador, benfeitor e construtor de memória, e ao Tebano as de guerreiro argonáutico e libertador.

**Palavras-chave:** Hércules; *Monarquia Lusitana*; Bernardo de Brito; Lusitânia; Historiografia alcobacense.

**Resumen:** Bernardo de Brito sigue la tradición mitográfica que distingue dos Hércules en la genealogía antigua de los reyes de España y Lusitania: líbico o egípcio, y griego o tebano. Interpreta el mito a la luz de los procesos socio-políticos y religiosos que marcaron el proceso histórico, con el objetivo de ennoblecer el pasado de Portugal por medio de la valoración, en el registro historiográfico, del arquetipo de la Lusitania. En su calidad de representación histórico-cultural de los invasores del territorio, las dos versiones del mito tienden a lusitanizarse partiendo de la atribución al Hércules líbico de las funciones de poblador, bienhechor y constructor de memoria, y al tebano as de guerrero argonáutico y libertador.

**Palabras clave:** Hércules; *Monarquia Lusitana*; Bernardo de Brito; Lusitânia; Historiografia alcobacense.

**Résumé:** Bernardo de Brito suit la tradition mythographique qui distingue deux Hercules dans la généalogie ancienne des rois d'Espagne et de la Lusitanie: Libique ou Egyptien et Grec ou Thébain. Il interprète le mythe à la lumière des processus socio-politiques et religieux qui marquèrent le processus historique, dans l'objectif d'exalter, par le biais de la valorisation de l'archétype de la Lusitanie, le passé du Portugal dans le registre historiographique. En tant que représentation historico-culturelle des envahisseurs du territoire, les deux versions du mythe tendent à se lusitaniser, l'Hercule Libique possédant les fonctions de colon, de bienfaiteur et de constructeur de mémoire, et le Thébain celles de guerrier argonautique et libérateur.

**Mots-clé:** Hercules; *Monarquia Lusitana*; Bernardo de Brito; Lusitanie; Historiographie alcobacense.